



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

DA FANTASIA À REALIDADE: UMA ANÁLISE, À LUZ DA PSICANÁLISE, DO DESENHO ANIMADO *PICA-PAU*

Natássia Thais do Nascimento RIBEIRO/ (UEPB)

Márcio dos Santos GOMES/(UEPB)

INTRODUÇÃO

Inegável é o fato de que os desenhos animados, de uma forma geral, possuem expressiva representatividade para a grande maioria das crianças. O gênero tem o poder de prender, de forma extraordinária, a atenção de seus espectadores, que tornam-se quase que inevitavelmente seus seguidores.

Assim como o desenho animado, talvez com igual grau de intensidade, os contos de fada também costumam exercer forte encantamento sobre as crianças. Bruno Bettelheim (2002), em *A psicanálise dos contos de fada*, traz uma interessante análise acerca do modo como estas histórias perpassam o imaginário da criança e vão se inserindo em aspectos de sua realidade sem que ela ao menos o perceba. Desse modo, os contos de fada, segundo Bettelheim (2002), ajudam a criança a lidar com situações reais que muitas vezes as angustiam, tais como o medo da separação dos pais e, conseqüentemente, o medo de enfrentar a vida, os desejos sexuais, o ódio, a inveja, dentre outros.

Diante disso, objetivamos com este trabalho transpor a técnica utilizada por Bettelheim (2002), para fazermos uma análise tendo como foco os aspectos analisados pelo autor na obra citada anteriormente. Utilizaremos como nosso objeto de análise o desenho



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

animado *pica-pau*, com o intuito de observarmos de que forma e até que ponto esse personagem, tão popular no meio infantil, pode se inserir no imaginário e na vida da criança.

I – *Pica-pau*: mocinho ou bandido?

O *Pica-pau*, do original *Woody Woodpecker*, é um desenho animado produzido inicialmente por Walter Lantz em seu estúdio de animação. Ele apareceu pela primeira vez no episódio chamado *Knock Knock* em 25 de novembro de 1940, dentro de um desenho de *Andy Panda*, como um personagem secundário. Mas foi só em 1957 que o *Pica-pau* apareceu pela primeira vez conduzindo seu próprio espetáculo chamado *The Woody Woodpecker Show*. Desde então, ele cresceu e tornou-se um fenômeno adorado por muitos.

Apesar de ser, muitas vezes, taxado de má influência e possuir uma conotação negativa para a maioria do público adulto, embora também tenha muitos fãs nessa fase, o *Pica-pau* não poderia ser mais inofensivo. O problema de sua “má fama” reside no fato de ele ser, quase sempre, visto de forma caricata e superficial, interpretação da qual advém as alcunhas de agressivo, desonesto, perigoso, etc. Tais características podem ajudar a entender o receio de alguns pais em permitir que seus filhos assistam a um desenho que não traz em seu *script* textos inocentes e ações previsíveis, pois estão convictos que a criança irá incorporar o comportamento “negativo” praticado pelo personagem.

Bettelheim defende que os contos de fada trazem, em suas versões originais, um conteúdo riquíssimo para a formação psicológica da criança. Porém, à medida em que estes contos vão sendo adaptados, com estranha finalidade de “agradar” a sociedade, eles perdem o que tem de mais precioso: sua essência. Ainda de acordo com Bettelheim, as histórias modernas da Literatura Infantil, as chamadas histórias “seguras”, são totalmente destituídas de sentido para a criança, pois evitam mostrar situações conflituosas e não mencionam nem o envelhecimento nem a morte. Segundo o autor,

A maioria da chamada "literatura infantil" tenta divertir ou informar, ou as duas coisas. Mas grande parte destes livros são tão superficiais em substância que pouco



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

significado pode-se obter deles. A aquisição de habilidades, inclusive a de ler, fica destituída de valor quando o que se aprendeu a ler não acrescenta nada de importante à nossa vida. (BETTELHEIM, 2002, p. 4).

Transpondo tal tese para o desenho animado, podemos inferir que, assim como nos contos de fada, a criança apreende o material subjacente presente no desenho animado e não o superficial, o que proporciona a ela distinguir entre o conteúdo fantástico e o real. Neste cenário Campos (et. al.) afirma que:

[...] a criança controla a fantasia da mesma forma que o adulto domina sua realidade, sem misturar esses dois mundos. Por isso ela não absorve tudo o que vê na televisão, porque no ato da recepção ela elabora a fantasia conforme suas necessidades, da mesma forma que acontece nos contos de fadas. (CAMPOS, et. al. s/d).

Diante disso, se nos propusermos, como pretendemos neste trabalho, a analisar, sob outra ótica, o desenho animado *Pica-pau*, veremos que, assim como os contos de fadas na interpretação de Bettelheim, esse personagem constitui figura imprescindível para a formação psicológica da criança, uma vez que suas atitudes são dotadas de sentido para a estas pelo fato de não representarem uma visão romântica e deturpada de mundo, como ocorre na chamada Literatura Infantil moderna.

A primeira e mais comum característica a ser notada é que, no desenho do *Pica-pau* há sempre um vilão a ser vencido, o qual, por sua vez, não consiste sempre na mesma pessoa, ou personagem, como nos clássicos *Tom e Jerry*, *Piu-Piu* e *Pernalonga*. Nestes desenhos o oponente é sempre o mesmo, assim sendo, o “mau” está sempre representado da mesma forma. No *Pica-pau*, a variação dos personagens que representam o “mau” parece reforçar a ideia de que a criança precisa ter algo ou alguém para descarregar a raiva que sente dos pais quando estes a impedem de fazer algo que desejam muito, nesse caso, a quantidade diferenciada de personagens vilões parece querer remeter ao fato de que a criança não necessariamente tende a sentir ódio ou medo apenas dos pais. Desse modo, além destes, ela pode vir a nutrir esses sentimentos por outras pessoas em algum momento, por uma tia, por exemplo. Então, essa variedade de representantes do “malvado”, tornaria mais fácil a identificação para a criança. De acordo com Bettelheim (2002),



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Quando todos os pensamentos mágicos da criança estão personificados num bom conto de fadas - seus desejos destrutivos, numa bruxa malvada; seus medos, num lobo voraz; as exigências de sua consciência, num homem sábio encontrado numa aventura; suas raivas ciumentas, em algum animal que bica os olhos de seus arquirrivais - então a criança pode finalmente começar a ordenar essas tendências contraditórias. Isto começado, a criança ficará cada vez menos engolfada pelo caos não manejável. (BETTLHEIM, 2002, p. 69).

A respeito dessa projeção realizada pela criança, Melanie Klein (apud FIGUEIREDO & CINTRA, 2004) afirma que a criança projeta sua raiva nos “maus objetos” não apenas por eles frustrarem suas expectativas, mas também, e principalmente, por os considerarem verdadeiramente perigosos e agressivos, capazes de lhes fazer algo realmente cruel. Segundo a autora [...] a fantasia é originária; a criança nasce com a capacidade de criar fantasias que darão expressão a seus impulsos e reações instintivas [...] (KLEIN, apud FIGUEIREDO & CINTRA, 2004, p.85)

No entanto, não são apenas os vilões que cometem atos que a priori seriam desaprovados por muitos. O próprio *Pica-pau* não mede esforços ou ações para derrotar seus inimigos. Porém, quando (por ventura) é castigado no fim, como ocorre em alguns episódios, a criança fica insatisfeita porque acredita que o que ele faz é totalmente necessário para derrotar os “malfeitores”, os quais, para elas, são todos chatos e implicantes e, como já foi dito, representam o lado repressor dos pais. Entretanto, o fato de o *Pica-pau* nem sempre se dar bem no fim, pode deixar implícito que a criança, às vezes, terá que arcar com as consequências de seus atos.

Melanie Klein, na denominada teoria da reparação, discorre acerca da relação entre a criança e os objetos nos quais projeta suas sensações. Consoante a autora, essa necessidade de destruir o objeto, o qual para a criança é ameaçador, pode ser denominada de posição paranoide, a qual consiste na ideia, por parte da criança, de que um determinado objeto por ter sido maltratado por ela, virá se vingar. A partir disso, surge a angústia, na qual “a maior preocupação é com a preservação do ego, o que pode ser entendido como um medo de aniquilamento.” (KLEIN, apud FIGUEIREDO & CINTRA, 2004, p.80)



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Assim como muitos dos personagens dos contos de fadas, o *Pica-pau* não tem pais, o que, para Bettelheim, pode ajudar a criança a lidar com o medo da morte ou de se separar dos pais, uma vez que, ao ver que o personagem é sozinho, a criança percebe, no seu inconsciente, que ele é órfão, o que pode fazê-la encarar a possibilidade da perda de forma um pouco menos traumática. No entanto, o fato de ser órfão parece não causar dor ou sofrimento ao personagem, pois ele está sempre de bem com a vida e externando uma gargalhada estridente a qual virou sua marca registrada.

Isso pode ser visto pela criança como uma forma de consolo, uma vez que, apesar de ter perdido os pais, o *Pica-pau* ganhou muito em experiência e esperteza. Neste sentido, é interessante notar que o *Pica-pau* hora parece ser criança, hora adulto, e parece passar de um extremo a outro em um mesmo episódio. Estas duas posturas parecem se confundir e se completar ao mesmo tempo, e o fato de oscilar entre essas duas personalidades pode estar representando seu amadurecimento precoce pela perda dos pais. Isso pode explicar também a quantidade de adultos que se rendem aos encantos desse personagem tão curioso e hilário.

Segundo Freud (apud. FADIMAN & FRAGER, 1986) a criança passa por quatro fases psicosssexuais, a saber: a fase oral (desde o nascimento) na qual a criança a necessidade da criança está compreendida entre os lábios, língua e, posteriormente dos dentes; a fase anal (entre dois e quatro anos), caracterizada pela satisfação que a criança sente ao aprender a controlar a evacuação, por exemplo, e perceber que isso chama a atenção de seus pais; a fase fálica (a partir de três anos de idade) é momento em que a criança se dá conta de seu pênis ou da falta dele, no caso das meninas, o que torna perceptível para eles que existem diferenças de sexo; a fase genital consiste na fase final do desenvolvimento da criança, que tem início com a puberdade e, conseqüentemente, com os desejos libidinais.

Neste cenário, é interessante notar que há uma característica bem peculiar no *Pica-pau*, a qual diz respeito a algo que é da própria natureza de sua espécie e está também explícito em sua nomenclatura, ele se alimenta bicando as árvores e sente prazer ao fazê-lo. No entanto, ele não se contenta apenas com os troncos de árvores, uma vez que é bem comum assistir a episódios nos quais o *Pica-pau* “corta um dobrado” e engana a todos para roubar



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

comida. Uma criança, em sua fase oral, entenderá perfeitamente que ele necessita disso para sentir-se verdadeiramente feliz, pois, nesta fase, a criança encontra a satisfação plena através da boca e essa satisfação vem, em sua maior parte, do leite materno, através do contato físico do seio da mãe com a boca da criança.

Para Freud, a criança, em seu inconsciente, deseja a mãe e, por isso, sente necessidade de um contato mais íntimo com ela. Diante disso, podemos remeter essa necessidade do Pica-pau em buscar sempre mais alimento ao fato dele não ter mãe e, por isso, precisar sempre de mais prazer oral para satisfazer-se plenamente, pois, não pode ser alimentado através do seio materno. Isso pode refletir na realidade de uma criança que esteja na mesma situação e sinta como se houvesse sempre um enorme vazio dentro de si, ao que ela compensa com o alimento. Da mesma forma, o seu bico imponente e firme que pode representar o falo para o menino, uma vez que estes desejam possuir um órgão sexual igual para com isto possuir a mesma segurança que o personagem transmite e ser também o centro das atenções, principalmente para as meninas.

Na psicanálise as cores também desempenham importante papel para a identificação de certos aspectos. Cada cor carrega consigo uma forte significação que podem desvendar aspectos até mesmo relacionados à personalidade. Na estória da *Chapeuzinho Vermelho*, por exemplo, Bettelheim (2002) afirma que o vermelho do capuz da menina representa o desejo sexual, configurado através da figura do “lobo-mau”. Em *Branca de Neve*, a maçã, de acordo com Bettelheim (2002) estaria representando a transição da infância para a adolescência, apresentada na estória como um sono profundo, no qual *Branca de Neve* cai após comer a maçã envenenada.

Diante disso, podemos inferir que a cor vermelha do topete do *Pica-pau* pode chamar atenção pela conotação sexual que a subjaz, uma vez que o vermelho representa o desejo sexual, a paixão e, conseqüentemente, o pecado da carne. No que tange a este último, vem-nos à mente a famosa história Bíblica de Adão e Eva, que foram expulsos do paraíso por comerem do “fruto proibido”, o qual é comumente representado por uma maçã, justamente por esta carregar de forma tão vivaz a cor do prazer, tido por pecaminoso.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

II- O sarcástico inconfundível



Comumente encontramos episódios nos quais o *Pica-pau* veste-se de mulher para tentar seduzir seus oponentes. Na figura acima, a “vítima da vez” é o “Zeca urubu”. Para os críticos de plantão, ao vestir-se de mulher, o personagem tenta deturpar a imagem desta, mostrando-a como uma pessoa fácil que se utiliza de seus atributos físicos para conseguir o que deseja, o que consideram negativo para a formação da criança que acompanha o desenho. No entanto, o fato de ele caracterizar-se de mulher pode carregar, de modo implícito, diversos aspectos relacionados à sexualidade.

O sarcasmo demonstrado pelo personagem ao vestir-se de mulher pode estar relacionado a um possível transtorno de sexualidade, advindo de um recalque sofrido ao tentar satisfazer seus desejos libidinosos. A facilidade em incorporar uma figura feminina pode ser muito representativa para uma criança que se encontre em um conflito sexual por não entender porque estaria sentindo desejo por uma criança de mesmo sexo.

Entretanto, se faz necessário mostrar também outra possível interpretação já que, cada criança pode apreender o mesmo conteúdo de diferentes formas a depender dos sentimentos que permeiam sua mente em determinado momento da infância. Desse modo, poderíamos



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

pensar também que a criança pode encarar o fato de o *Pica-pau* vestir-se tão naturalmente de mulher, como algo que demonstra que este possui sua sexualidade totalmente resolvida e que, esse tipo de coisa não tem, de forma alguma, o poder de afetá-la. Isso pode ser um alívio, por exemplo, para o menino que gosta de se vestir como a mãe e, por isso, fica em dúvida sobre sua sexualidade.

Conclusão

A criança não precisa de explicações racionais que, para ela, são totalmente vazias e desconexas. Ela deve respirar o fantástico, o mágico, para que deles possa extrair exatamente os ingredientes dos quais necessita para chegar à essência de suas inquietudes.

Diante disso, mesmo sendo debochado e com trejeitos de malandro, o *Pica-pau* representa um herói para a criança, no sentido de que é exatamente o ideal inconsciente de personalidade de muitas delas, sobretudo os garotos, pois, o personagem chama atenção de todos e sempre encara tudo de forma bem-humorada. Ele, ao contrário do que pensam muitos, não deve ser perfeito ou moralista, não precisa ser um mocinho estereotipado que só pratica atos louváveis para a sociedade, pois, se assim passasse a ser, o declínio de seu sucesso comprovaria o fato dele representar para a criança exatamente o que o deve.

É importante frisar que cada criança é afetada de uma forma, no sentido de que, todos os pontos que destacamos a respeito do desenho animado analisado neste trabalho, assim como os contos de fada analisados por Bettelheim, surtem efeito no inconsciente ou pré-consciente da criança a depender das situações conflituosas que estes carregam. Importante se faz também destacar que cada episódio, assim como ocorre com os contos de fada, pode influenciar várias vezes a mesma criança, porém em momentos distintos, a depender das emoções que estão perpassando sua mente naquele momento específico.

Estes aspectos nos remetem a uma das principais características de uma Obra de Arte que, segundo Bettelheim, consiste em poder significar coisas diferentes para pessoas diferentes ou coisas diferentes para a mesma pessoa em momentos distintos. De acordo com o



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

autor: “Como sucede com toda grande Obra de Arte, o significado mais profundo do conto de fadas será diferente para cada pessoa, e diferente para a mesma pessoa em vários momentos de sua vida”. (BETTELHEIM, 2002, p. 16). E, assim como os contos de fada, o desenho animado, como expomos ao longo deste trabalho, também pode ser tido como uma Obra de Arte, pois carrega, mesmo que implicitamente, uma rica significação, passiva de apreensão por quem encontra identificação com suas características. Além de valores morais que o subjaz, mesmo que de forma comedida e sem a intenção de dar lição alguma.

Referências

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fada**. Trad. Arlene Caetano. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2002.

CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda; et. al. **Desenhos animados na formação da criança**. Disponível em <<http://ser.ucg.br/index.php/fragmentos/article/viewFile/355293>>. Acesso em 02 jan. 2013.

FIGUEIREDO, L. C.; CINTRA, E. M. U. **Melanie Klein**: Estilo e Pensamento. São Paulo: Escuta, 2004.

FADIMAN, James; FRAGER Robert. Fases psicosssexuais do desenvolvimento. In:_____. **Teorias da personalidade**. Trad. Camila Pedarl Sampaio, Sybil Safdié. São Paulo: HARBRA, 1986, p. 12-15

Pica-Pau e Pernalonga - mais exageros de interpretação: a vez da psicanálise.< Disponível em: <http://omagricocibernetico.blogspot.com.br/2012/10/pica-pau-e-pernalonga-mais-exageros-de.html>>. Acesso em 03 jan. 2013.